



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 10, v. 1 nov.2018-abr. 2019

p. 402-426.

# Consumo de pornografia midiática e masculinidade

Melissa Toledo Borges<sup>1</sup>

Rafael de Tilio<sup>2</sup>

**RESUMO:** A concepção foucaultiana de corpo afirma ser este uma superfície de inscrição de acontecimentos, interpenetrado pela história a partir da qual a produção de discursos e saberes materializa seus significados. Neste contexto, as tecnologias midiáticas devem ser compreendidas como produtoras e reprodutoras de discursos de gênero que participam da constituição da subjetividade dos sujeitos – e uma dessas mídias é a pornografia. Levando em conta os debates já existentes sobre a proibição ou não da produção/distribuição e consumo de pornografia pelos movimentos feministas, este trabalho tem como objetivo compreender de que maneira o consumo de pornografia midiática incide sobre o imaginário do homem heterossexual e, consequentemente, sobre possíveis relações que estabelece com as mulheres.

**PALAVRAS-CHAVE:** pornografia; corpo; sexualidade; performatividade; heteronormatividade.

**Abstract:** Foucault's conception of the body claims to be it a surface of inscription of events interpenetrated by history, from which the production of discourses and knowledge materialize their meanings. In this context, media technologies must be understood as producers and reproducers of discourses that constitutes subjects' gender subjectivity – and one such media is pornography. Taking into account the existing debates on the prohibition or not of the production of pornography by the feminist movements, this research aims to understand how the consumption of media pornography affects the imaginary of the heterosexual men and, consequently, their relationships with women.

**Keywords:** pornography; body; sexuality; performativity; heteronormativity.

**Resumen:** La concepción foucaultiana de cuerpo afirma ser esto una superficie de inscripción de acontecimientos, interpenetrada por la historia que materializa significados. Así, tecnologías mediáticas deben ser comprendidas como productoras y reproductoras de discursos de género que constituyen la subjetividad – uno de esos medios es la pornografía. A partir de los debates sobre la producción de pornografía, esta pesquisa tuvo como objetivo comprender de que manera el consumo de pornografía mediática incide sobre el imaginario de lo hombre heterosexual y sus relaciones con las mujeres.

**Palabras clave:** pornografía; el cuerpo; la sexualidad; performatividad; heteronormatividad.

---

<sup>1</sup> Graduada em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: melissatoledoborges@gmail.com

<sup>2</sup> Graduado, mestre e doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Líder do HUBRIS - Laboratório de Estudos e Pesquisa em Sexualidade e Violência de Gênero. Professor no Curso de Graduação e no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFTM. E-mail: rafaeldetilio.uftm@gmail.com

Recebido em 08/03/18

Aceito em 16/08/18

A pornografia é o erotismo dos outros (André Breton)

## 1. Introdução

O termo “pornografia” vem do grego *pornografos*, e na Grécia Antiga se referia aos escritos referentes à vida, costumes e hábitos de prostitutas e seus clientes (MARZOCHI, 2003). Um dos indicativos dos usos contemporâneos deste termo são seus significados no dicionário Michaelis: “1. Arte ou literatura obscena. 2. Tratado acerca da prostituição. 3. Coleção de pinturas ou gravuras obscenas. 4. Caráter obsceno de uma publicação. 5. Devassidão” (WEISZFLOG, 2009). Em suma: a pornografia é obscenidade, fuga dos padrões morais da sexualidade considerada normal. No entanto, também não devemos esquecer de que a sexualidade (no geral) e a pornografia (no específico) estão vinculadas a um dos pilares do mundo contemporâneo: o mercado de produção e de consumo (GREGORI, 2012). Portanto: a pornografia é um item a ser vendido.

Isso estabelece uma interessante dualidade: proibição e permissão ao consumo da sexualidade pornográfica. Quem, portanto, se beneficia (lucra) com a produção, distribuição e consumo da pornografia? Quais formas e modalidades de pornografia são possíveis, permitidas e vendáveis? Quem são seus consumidores? (GREGORI, 2012). Essas e outras dualidades na produção, distribuição e consumo da sexualidade mercantilizada podem ser representadas pela tensão entre o que é considerado erótico ou pornográfico presente nos discursos tanto das empresas produtoras de entretenimento sexual adulto. Enquanto o erótico está vinculado a uma conotação positiva e artística da sexualidade, passível de ser apreciada e de despertar a sensibilidade, participando de uma sexualidade considerada adequada, por sua vez o pornográfico tem valor pejorativo, promíscuo e vulgar, participando de um regime secreto (portanto, vexatório) da sexualidade (GREGORI, 2012). Assim, enquanto o consumo erótico é amplamente estimulado, o consumo pornográfico (longe de ser proibido ou desestimulado) não é recomendado. É a visibilidade do obsceno que sustenta os códigos identitários estabelecidos entre o consumidor e a mídia pornográfica (FARIA, 2012).

Todavia, Leite (2012) questiona esta distinção entre pornografia e arte erótica, pois isso demonstraria apenas:

um esforço para legitimar certas expressões sócio-culturais em detrimento de outras, seguindo a lógica da hierarquização das diferenças dessas mesmas expressões, visando à conquista, manutenção ou perda de capital cultural e social (LEITE, 2012, p. 101).

Em suas pesquisas que abordam a pornografia, Leite (2012) não distingue imagens explícitas



ou implícitas, conformistas ou transgressivas da sexualidade, pois sua análise gira em torno da representação da sexualidade como um mercado de produção e de consumo, seja valorizada enquanto arte erótica ou inferiorizada enquanto pornografia. Podemos dizer que, a partir de Leite, enquanto o erótico é o consumo da sexualidade *mainstream* (por ser aceita), a pornografia é seu submundo, o consumo *underground* da sexualidade.

Apesar das dificuldades em conceituar adequadamente o que é pornografia, esta pesquisa adota a distinção entre erótico e pornográfico ao considerar seus diferentes objetivos e condições de produção – por exemplo, enquanto a produção/distribuição do erótico é relativamente regulamentada, a produção do pornográfico (seja a das grandes indústrias, seja a caseira/amadora) carece de transparência (GREGORI, 2012). Assim, adotamos a definição de pornografia proposta por Lopes (2013): qualquer material que apresente relações sexuais, órgãos sexuais e atos sexuais *explícitos* caracterizados pela centralização nos corpos e nas práticas sexuais, com closes nos órgãos genitais e filmagens sem interrupções em períodos extensos, cujo objetivo é excitar o expectador, qualquer seja seu produtor.

O avanço tecnológico ocorrido nas décadas finais do século XX promoveu uma explosão da exibição de corpos em fotografias, cinema, televisão e internet – em outras palavras, uma proliferação da produção, distribuição e consumo da sexualidade. A internet e a rede mundial de computadores facilitaram não somente o consumo de material pornográfico, mas igualmente sua produção (profissional ou amadora). Pesquisas apontam que a indústria pornográfica ou de entretenimento sexual adulto movimentava milhões de dólares em todo mundo, sendo mais lucrativa que o tráfico ilegal de drogas e armamentos, e que cerca de 30 milhões de pessoas acessam sites pornográficos diariamente; ademais, os sites gratuitos ofereciam de 70 a 80% da pornografia acessível (MARZOCHI, 2003).

O ápice da produção de filmes pornográficos pela indústria cinematográfica aconteceu entre 2002 e 2005, movimentando 13 bilhões de dólares no período (PINHEIRO, 2013). No entanto, a expansão da internet fez com esse número caísse para menos da sua metade em 2013, uma vez que aproximadamente 95% do que é produzido pode ser acessado on-line gratuitamente (PINHEIRO, 2013). Por exemplo, o site *Xvideos* (xvideos.com) ocupou a vigésima primeira posição dentre os sites mais visitados na *Word Wide Web* de acordo com a Alexa, ferramenta que lista as páginas mais acessadas na internet (PINHEIRO, 2013). Além disso, acredita-se que 40% das atividades online envolvem algum tipo de conteúdo pornográfico (PARREIRAS, 2012). O Brasil é segundo maior produtor mundial desse material, com mercado consumidor majoritariamente masculino (D'ABREU, 2013). Uma das consequências dessa expansão (de produção, de acesso, e de consumo) é a redução



do pagamento pelas cenas realizadas e a precarização do trabalho dos atores e atrizes da indústria cinematográfica pornográfica: as produtoras brasileiras *mainstream* pagam as mulheres entre mil e dois mil reais por cena gravada, e aos homens entre quinhentos e mil reais por cena gravada, valores que podem aumentar caso as filmagens sejam feitas sem preservativos, com animais, com humilhação, violência ou com outros riscos (DÍAZ-BENTITEZ, 2015). As produtoras do denominado pornô alternativo (*altporn*) pagam ainda menos: em torno de trezentos reais para as mulheres, e duzentos reais para os homens por cena (PINHEIRO, 2013).

A pornografia é, portanto, consumida, e aciona as fantasias e o imaginário dos sujeitos no que diz respeito tanto à excitação quanto as suas concepções de gênero e de sexualidade (MARZOCHI, 2003). Pode-se dizer que a pornografia é uma educação informal de sexualidade e gênero, portanto, integrante das composições atitudinais de homens e de mulheres. Além disso, a pornografia transforma o sexo explícito em mercadoria e abastece nichos de mercado específicos, gerando, ou prometendo prazer, o que proporciona o incentivo ao consumo na sociedade capitalista (ANDRADE, DIAS & GUERRA, 2004). Levando em conta o crescimento gradativo da procura e acesso ao material pornográfico e a importância da sexualidade na constituição da subjetividade dos indivíduos, os movimentos feministas, desde sua reconfiguração na denominada revolução sexual nas décadas de 1960 e 1970, discutem quais influências desse consumo, além da necessidade ou não da proibição da pornografia (NOGUEIRA, OLIVEIRA & PINTO, 2010).

A desigualdade entre (e intra) gêneros manifesta-se na vida política, social, econômica, íntima e privada. No entanto, a perspectiva antipornografia acredita que a heteronormatividade compulsória seja o pilar dessa desigualdade. A heteronormatividade compulsória de gênero (PRECIADO, 2017) pressupõe uma linearidade entre sexo, gênero e orientação sexual que deve ser heterossexual. Todavia, a heteronormatividade compulsória estabelece rígidos papéis a serem desempenhados pelos homens e mulheres (feminilidade e masculinidade hegemônicas), e as mulheres são transformadas em artefatos sexuais da masculinidade, cujo destino é proverem prazer sexual aos homens, pois homens e mulheres devem expressar suas sexualidades de maneiras distintas a partir da dupla moral sexual (ANDRADE et al., 2004; SILVA, 2013).

Os grupos antipornografia, na luta contra instituições heteronormativas, consideram a pornografia (industrial ou amadora) um emblema da subordinação feminina que ocasiona perigos às mulheres reais, pois afeta suas atitudes e comportamentos. De acordo com esta perspectiva, a exposição a esse material causa, dentre outros: a diminuição da satisfação dos consumidores com



seus relacionamentos reais e com a aparência física dos parceiros (ANDRADE et al., 2004); o encorajamento de relações opressivas de poder; o estímulo ao exercício da agressividade masculina (NOGUEIRA et al., 2010); a predisposição dos homens a agir de modo antissocial; a diminuição da aceitação social feminina (SILVA, 2013). Isso tudo ocorreria porque os consumidores de pornografia buscariam reproduzir nas relações sexuais o que assistem nas cenas, visando obter o mesmo desempenho e nível de excitação e prazer sexual dos *atores* (D'ABREU, 2013) – eis porque a pornografia é uma performatividade de gênero: seus atos são dramatizações e as encenações são repetidas e coreografadas à exaustão pelos profissionais envolvidos nas filmagens, mas que, a despeito disso, são considerados ou verdadeiros ou idealizados pelos consumidores (DÍAZ-BENÍTEZ, 2013) – é neste exato ponto que a pornografia pode ser considerada um ato cínico por parte do consumidor: há um esforço para denegar a falsidade hiper-realista da cena (SAFATLE, 2008).

Para alguns grupos feministas, tudo isso estaria direta ou indiretamente ligado à violência contra a mulher e ao cerceamento de sua liberdade, justificando os argumentos favoráveis à proibição da produção/distribuição/consumo da pornografia (WILLIAMS, 2012). Além do mais, a indústria pornográfica se configura tanto como produtora de culturas e tecnologias sexuais, inclusive de identificação de gêneros (DE LAURETIS, 1994), quanto local de expropriação do trabalho sexual (PINHO, 2012).

Em contraposição aos movimentos feministas antipornografia, há a vertente pró-pornografia, que não nega a existência dos vídeos pornográficos misóginos, que enfatizam a violência e a submissão feminina, mas que afirma que essa modalidade é procurada por uma minoria dos homens. Além disso, a pró-pornografia não acredita que a pornografia seja o vetor de maior importância de reprodução da desigualdade e violência de/entre gênero (SILVA, 2013), pois existem poucas evidências de que produza comportamento violento ou deixe os homens mais agressivos (ANDRADE et al, 2004; NOGUEIRA, 2010).

Além disso, a pró-pornografia acredita que por serem construídos contextualmente, pornografia e erotismo estão em constante processo de transformação; assim, a maior liberdade sexual conquistada pelas minorias se reflete em sua produção. Desta forma, um novo tipo, uma pornografia alternativa (*altporn*) ao *mainstream* pornográfico, não heteronormativa e não falocêntrica tem sido cada vez mais produzida (PARREIRAS, 2012). A *altporn* disponível na internet revisou fronteiras entre produtores e consumidores: os vídeos amadores são produzidos pelas pessoas que os consomem; tenta modificar as representações do pornô convencional por intermédio do referencial *queer* e não



normativo, rompendo com práticas *generificadas*, consideradas opressoras. Por exemplo, enquanto os roteiros de vídeos pornográficos heteronormativos apresentam relações sexuais coreografadas, ritualizadas, padronizadas e com personagens e posições específicas nas quais o pênis e a ejaculação masculina são o centro e o auge (DÍAZ-BENÍTEZ, 2013), no *altporn* as mulheres possuem diferenças corporais quando comparadas ao considerado normal (obesas, deficientes, masculinizadas, *queers* etc.) e não se enquadram em ideais estéticos (PARREIRAS, 2012).

O movimento pró-pornografia acredita que o consumo *altporn* implica na contestação dos modos heteronormativos da sexualidade. Muitos desses materiais fazem com que seus consumidores expandam experiências, combatam o medo, preconceitos e inseguranças, além de obterem melhores informações sobre a sexualidade (SILVA, 2013). De certa maneira, para seus partidários, consumir *altporn* é consumir um estilo de vida que pode ser mais inclusivo – isso a despeito das condições de produção do *altporn* não necessariamente serem diferentes da pornografia *mainstream* (DÍAZ-BENÍTEZ, 2015; GREGORI, 2003; 2012). Ao considerar o *altporn* como uma forma possível de subversão das ideologias centralizadoras do capitalismo que desafia o imperativo da sexualidade comercial, os grupos pró-pornografia acreditam ser positiva a influência que este material produz sobre o imaginário masculino.

Considerando os debates sobre a regulamentação ou a proibição da produção, distribuição e consumo de pornografia pelos movimentos feministas, esta pesquisa teve como objetivo compreender de que maneira o consumo de pornografia incide sobre o imaginário do homem heterossexual e, conseqüentemente sobre possíveis relações que estabelecem com suas parceiras. Isso pode possibilitar, junto a outras formas de investigações, outros parâmetros para repensar a produção, distribuição e consumo de mídias pornográficas.

## 2. Aspectos metodológicos

Esta pesquisa se caracteriza como um estudo descritivo, exploratório de corte transversal embasado no método qualitativo de pesquisa em Psicologia. Para a coleta dos dados os pesquisadores elaboraram um questionário composto por duas seções. A primeira seção continha dez questões (Q1 a Q10) do tipo múltiplas escolhas, cada qual com um espaço para comentários/justificativas para a resposta assinalada, que versavam acerca da frequência do consumo de pornografia, o tipo de material consumido, a finalidade do consumo e por quais vias o participante tem acesso a esse material. A segunda seção continha dezoito questões (Q11 a Q28) para respostas abertas, permitindo ao



participante discorrer/argumentar acerca da indagação, que pretendiam compreender como se estruturavam as relações sexuais dos participantes, e se eles estavam sexualmente satisfeitos com o próprio desempenho e o da parceria e com a aparência das suas parceiras.

O questionário foi entregue no formato impresso aos participantes para que respondessem individualmente por escrito, sendo os instrumentos recolhidos, em local e horário pré-determinado, após sete dias pelos pesquisadores. A opção por obter as respostas por escrito e sem a presença dos pesquisadores teve como objetivo manter distanciamento para com os participantes, visando deixá-los mais confortáveis no momento de relatar suas respostas. No entanto, esse procedimento possui uma evidente limitação, pois obstaculiza a elucidação de dúvidas surgidas no decorrer das respostas.

O recrutamento dos participantes foi realizado de acordo com a técnica de amostragem bola de neve, em que sujeitos que pertencem à população-alvo do estudo (denominados *sementes*; no caso, homens jovens, universitários, brancos e heterossexuais autodeclarados consumidores de pornografia) após receberem as instruções necessárias, indicam outros para participarem da pesquisa. É importante reiterar que o primeiro participante (semente) era integrante da rede de contato pessoais dos pesquisadores, mas suas indicações não, tal como preconiza a técnica de recrutamento amostral da bola de neve (VINUTO, 2014). Em suma, a semente não responde ao questionário e apenas indica possíveis participantes. Todos os participantes leram, concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido antes de responder aos questionários. Essa pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética em pesquisa da universidade dos pesquisadores (CAAE 52021315.5.0000.5154 na Plataforma Brasil).

Após o contato com a semente, os questionários foram entregues para quinze homens, mas apenas onze deles os devolveram respondidos. Neste sentido, o quantitativo total de participantes não é resultado de critérios estatísticos, nem de critérios de saturação de dados, mas sim de viabilidade de composição da amostra. Para a análise de dados, as respostas dos questionários foram analisadas vertical (individualmente) e horizontalmente (o conjunto de todos os respondentes) a fim de procurar relações entre a exposição à pornografia, o tipo de material consumido pelos participantes, suas práticas sexuais e o nível de satisfação de cada um – em suma, foi realizada uma análise de conteúdo temática das respostas a partir de critérios semânticos (similaridade dos conteúdos das respostas) (TURATO, 2013).

Assim, foram constituídas *a posteriori* para a análise quatro categorias: tipo de parceira (perfil das parcerias com as quais os participantes buscam se relacionar – dados extraídos da primeira parte



do questionário e das respostas às Q18, Q19, Q24 e Q25); vida sexual satisfatória (o que os participantes consideram uma vida sexual satisfatória – dados extraídos da primeira parte do questionário e das respostas às Q15, Q16, Q17, Q21 e Q22); consumo de pornografia (tipos, modalidades e circunstâncias em que os participantes consomem pornografia midiática – dados extraídos da primeira parte do questionário e das respostas às Q4, Q11, Q12 e Q20); e pornografia e subjetividade (maneiras como o consumo de pornografia atua sobre o imaginário masculino e sua performatividade nas relações sexuais – dados extraídos da primeira parte do questionário e das respostas às Q7, Q8, Q9, Q10, Q23, Q26 e Q27). Todavia, em decorrência do montante de informações obtidas, neste artigo são expostos e discutidos apenas os resultados das duas últimas categorias<sup>3</sup>. A análise dos dados possui como escopo argumentativo as concepções de corpo e sexualidade originalmente propostas por Michel Foucault.

### 3. Consumo de pornografia: o que disseram os participantes – e o que compreendemos

A amostra dessa pesquisa foi composta por onze participantes que se autodeclararam brancos, heterossexuais e solteiros, consumidores de pornografia, residentes da cidade de Uberaba, com idade entre 18 a 26 anos, e que no momento da pesquisa possuíam relacionamentos afetivos estáveis.

Todos são consumidores contumazes de pornografia (Q1) e utilizavam exclusivamente a internet para acessar os materiais pornográficos (Q2) com frequência de mais de uma vez por semana (Q3 e Q13). Suas primeiras experiências de acesso aos materiais pornográficos datam do início da adolescência (Q12), porém, antes das suas primeiras relações sexuais (Q11), cuja finalidade de consumo (naquele momento e no atual) (Q4 e Q10) era tanto recreacional visando excitação sexual (do casal, e não apenas do participante) quanto a obtenção de informações sobre uso de preservativo e adquirir conhecimentos acerca de novas posições sexuais. Dentre os materiais pornográficos acessados, destacam-se os de caráter heterossexual (Q5) e homossexual feminino (Q5), sendo estes os tipos mais apreciados pelos participantes, mas eles também alegaram acessar em menor volume pornografia homossexual masculina (Q6 – no geral, os participantes comentaram que tiveram contato este tipo de material por curiosidade e/ou engano, mas destacam que não gostaram), com agressões

---

<sup>3</sup> Os resultados referentes as duas primeiras categorias estão em fase de análise e de preparação em formato de artigo. Essa pesquisa é parte integrante de uma investigação mais ampla denominada *Discursividades contemporâneas sobre sexualidade de gênero*, que possui múltiplos objetos específicos de investigação e é desenvolvida na instituição de origem dos pesquisadores.



físicas (Q7) ou psicológicas (Q8) contra as mulheres (todos os participantes comentaram que rechaçam e desaprovam tais práticas, mas alguns mencionaram que poderiam acessar novamente caso a parceira goste deste tipo de práticas), mas nunca com atrizes que não correspondessem aos padrões de beleza da feminilidade (gordas, masculinizadas etc.) (Q9). A amostra, portanto, possui características do perfil típico de consumidores de pornografia.

Essa breve caracterização da amostra encontra correspondente na literatura científica sobre o assunto (D'ABREU, 2013). As idades dos participantes são similares a faixa etária daqueles que mais acessam/consomem pornografia; os participantes alegaram que não consomem pornografia apenas para estimulação sexual, mas também para obterem informações sobre suas futuras/possíveis relações sexuais (segundo D'ABREU, 2013, esse dado é preocupante, pois estes materiais pornográficos não são construídos para terem finalidades didáticas ou informacionais acerca da vivência da sexualidade). Além disso, há predileção pelo acesso/consumo de pornografia do tipo heterossexual (ou da homossexual feminina) por participantes homens heterossexuais, correspondendo ao padrão típico de consumidores de pornografia; neste sentido, para Almeida (1996) os principais consumidores de pornografia correspondem ao modelo hegemônico de masculinidade típico da heterossexualidade compulsória, construto social que apresenta um modelo cultural idealizado sobre o que é ser homem, atribuindo a ele um privilégio potencial ao inferiorizar o feminino e as masculinidades subordinadas (homossexuais, negros, indígenas, transexuais, etc.).

Assim, na primeira categoria de análise dos dados (*Consumo de Pornografia*), considerando as respostas a pergunta (Q12) do questionário “Com quantos anos você assistiu filmes pornográficos pela primeira vez?”, notou-se que todos os participantes entraram em contato com este material antes dos 18 anos de idade (que é a idade de classificação indicativa permitida para acesso a esse tipo de material no Brasil), variando entre 10 e 16 anos de idade, mas todos os participantes tiveram acesso à pornografia antes da primeira relação sexual (Q11), que ocorreu entre os 14 e 20 anos de idade; de modo geral, quando se compara a idade de acesso aos materiais pornográficos e a idade de primeira relação sexual dos participantes, pode-se dizer que o início da vida sexual ativa dos participantes se deu pelo acesso/consumo de materiais pornográficos; este fato, juntamente com o tipo de material consumido (heterossexual, não raramente misógino), fornece elementos para compreender quais representações e atitudes esses participantes podem ter constituído acerca da sexualidade. Os participantes também relataram que a internet foi o grande facilitador deste acesso e consumo, uma vez que todos afirmaram ter sido este o principal veículo de procura e acesso ao material.



O acesso precoce à pornografia tem sido problematizado por diversos autores. Em sua pesquisa acerca de representações e performances de atores em filmes pornográficos amadores, Ribeiro (2016) ressalta que, no Brasil, a pornografia é tida como material de conteúdo adulto devendo ser consumida apenas por maiores de 18 anos de idade. Todavia, o controle do acesso a este tipo de material na internet fica sob encargo dos responsáveis pelo menor ou por mensagens de alerta anunciados pelos próprios *sites*, o que é facilmente burlado ou ignorado pelos usuários. Neste sentido, o autor e Díaz-Benítez (2013) consideram que a socialização e construção da masculinidade contemporânea são atravessadas pela performance e estética pornográfica, uma vez que seu acesso pelos menores de idade em áreas urbanas tem crescido vertiginosamente nos últimos anos.

Exemplo desse fácil acesso e do laxismo na fiscalização familiar (e social) do acesso/consumo da pornografia consta numa entrevista realizada e publicada pelo site de notícias *buzzfeed.com* com atrizes pornô, na qual uma das perguntas feitas foi: “Como você reage a acusações de que a disponibilidade de pornografia na internet tem exposto crianças cada vez mais cedo a imagens explícitas, os levando a agir de uma maneira sexual antes deles entenderem o significado do que estão falando/fazendo?” (VEIGA, 2015, p. 45). Muitas das entrevistadas afirmaram a necessidade de uma educação sexual (familiar e institucional) adequada, por exemplo:

Primeiramente – onde estão os pais e figuras de autoridade dessas crianças? E onde está o sistema de educação sexual do nosso país, quando iremos implementar um sistema eficaz para a proteção da juventude americana? Por que eu nunca tive uma aula sobre consentimento na escola? O que tem de errado com a sexualidade ser uma parte humana natural com que todos nós nascemos? Por que nós temos de nos envergonhar de nossa sexualidade por todas as nossas vidas? Uma educação sexual positiva é uma das melhores ideias que já escutei. Se nós tivéssemos uma educação sexual adequada, “crianças” que estão ilegalmente assistindo pornografia para adultos não iriam aprender sobre sexo pelo entretenimento adulto. Nós fazemos esses filmes para adultos capazes de consentir. De novo – como suas crianças estão assistindo pornografia em computadores que deveriam estar protegidos? Você sabe quantos casos de pedofilia poderiam e deveriam ser prevenidos com simples aulas de educação sexual que começassem mais cedo? (VEIGA, 2015, p. 45-46).

Assim, trabalhar sexualidade nas escolas com crianças e adolescentes é fundamental; no entanto, tal debate ainda é tímido (quando não proibido), enfatizando aspectos biológicos, associando o exercício da sexualidade unicamente à reprodução biológica, multiplicando preconceitos e tabus estimulados pelos *empreendedores morais* e religiosos tão frequentes nos últimos anos e suas (descabidas) militâncias político-institucionais, como a Escola Sem Partidos e o combate à ideologia de gênero, seja lá o que isso significa, nas instituições de ensino (MIGUEL, 2016; MISKOLCI &



CAMPANA, 2017). Para Leal e Sato (2000), uma educação sexual satisfatória deve considerar as singularidades de cada faixa etária e seus fatores de risco e vulnerabilidades. Para tanto, é preciso romper com estereótipos que colocam as crianças como seres assexuados, os adolescentes como promíscuos e os tradicionalismos de gênero como única possibilidade de vivência da sexualidade. Além disso, é preciso desvincular a sexualidade como limitada às práticas ou relações sexuais, haja vista que ela engloba o exercício de direitos, por exemplo, a autodeterminação de gênero, o jeito de se vestir e falar, e o acesso aos dispositivos de saúde dentre outros. As famílias também deveriam assumir responsabilidades frente à educação sexual das crianças e adolescentes, uma vez que o sexo (as relações sexuais; e não a sexualidade) invade todos os lares através dos meios de comunicação; as mensagens que chegam às famílias são recebidas pelos jovens, porém, os responsáveis não as invalidam nem as apoiam, naturalizando uma série de tradicionalismos (LEAL & SAITO, 2000).

Considerando a pergunta do questionário “Você já usou a pornografia para obter informações ou conhecimentos sobre relações sexuais?” (Q4), oito (dos onze) participantes assinalaram a alternativa “b) Sim, algumas vezes”; e no campo aberto desta resposta alguns realizam comentários, a destacar os seguintes: “Para pesquisar as posições corretas e o uso adequado do preservativo” (Participante 5); “Antes de perder a virgindade, para ter uma ‘referência’ e depois para ‘aprender’ posições diferentes” (Participante 6).

Nota-se que, na ausência de informações e conhecimento sobre sexo e sexualidade adequadamente fornecidos pelas famílias e pelas instituições de ensino (MISKOLCI & CAMPANA, 2017), muitos participantes acessaram um material que não tem como propósito precípuo ensinar, e que é produzido majoritariamente para e por homens pretendendo unicamente a satisfação sexual masculina. Mas os participantes procuram por aquele material com a finalidade de aprender sobre posições e sobre uso de preservativo (o que diz respeito, inclusive, sobre saúde e direitos sexuais *das mulheres* – GREGORI, 2003), o que é extremamente preocupante, pois a pornografia propõe um imaginário sobre gênero e práticas sexuais, afetando o espectador e sendo afetada por ele (VEIGA, 2015) e que, no geral, dispensa o uso de preservativos nas filmagens (DÍAZ-BENÍTEZ, 2015; LOPES, 2013; RIBEIRO, 2016).

Além do mais, grupos feministas antipornografia argumentam ser este material um exemplo da estrutura de subordinação feminina que, quando acessado pelos homens, pode trazer perigo real às mulheres. Naquele material, os corpos femininos configuram o *locus* da penetração e da dominação, enquanto os corpos masculinos configuram o *locus* do corpo que penetra e que domina,



reafirmando estereótipos e tradicionalismo de gêneros calcados na dissimetria das relações de poder (D'ABREU, 2013; DÍAZ-BENÍTEZ, 2013, 2015; GREGORI, 2003). Isso pode ser percebido em vários momentos dos filmes pornô: mulher usada para satisfazer o homem; clímax com a ejaculação masculina e a quase completa ignorância e desprezo pelo prazer feminino; a infantilização das profissões e das vestimentas das atrizes, dentre outros. No material midiático pornográfico também são construídas cenas de violências diversas (sufocamentos, humilhações, xingamentos) e de estupro quando colocam mulheres submetidas à coerção sexual, que se num primeiro momento demonstram desgosto, por fim acabam se deleitando (D'ABREU, 2013; DÍAZ-BENÍTEZ, 2015). Seria imprudente desconsiderar esses elementos de reificação da mulher como influências constitutivas da sexualidade masculina (DÍAZ-BENÍTEZ, 2015).

Williams (2012) afirma que tanto os atos sexuais explícitos como os implícitos apresentados nos filmes pornográficos são de extrema importância para configurarem as maneiras pelas quais se aprende e se vivencia a sexualidade, pois através deles são desenvolvidas atitudes observando corpos de outros. No mesmo sentido, Besunsan (2004, 2006) acredita que a capacidade de erotização é agenciada por um conjunto de instituições (dentre elas, as mídias) que constroem os parâmetros para a expressão do desejo sexual e dizem como deve ser o relacionamento com o que nos excita. Assim, o sistema capitalista contemporâneo estabelece formas de desejo e o situa como algo que precisa ser saciado, consumido e vigiado: desejamos o que é esperado de nós, caso contrário, sentimos vergonha ou não nos aceitamos. Como construímos nossa identidade de gênero a partir de nossa relação com os outros, não temos desejos que não aprendemos vendo outras pessoas desejarem e performatizarem estes desejos (BENSUNSAN, 2006).

Dessa forma, Besunsan (2004) acredita que a pornografia *mainstream* estimula os homens a considerar que existem instintos sexuais puros e desejos que eles devem ter, e para os quais as mulheres devem se submeter. Há uma forma de desejar e ser desejado que é imposto pela pornografia, e é a partir de seu roteiro que o homem pensa quando quer e pratica relações sexuais. Confiando nos pressupostos básicos do material pornográfico, os homens supõem o que as mulheres realmente desejam (pois o material pornográfico lhes *mostra* isso) ao invés do que dizem desejar (PAUL, 2006). A indústria cultural molda o imaginário acerca da masculinidade e da feminilidade, ditando como as mulheres devem se comportar e qual aparência devem ter.

Assim, em relação a pergunta do questionário “Existe algum modelo de mulher que você gostaria de conquistar por apenas um dia?”(Q20), a maioria dos participantes destacou as com corpos



considerados perfeitos (denominadas de “gostosas”), e um deles deu a seguinte resposta, cuja imagem é emblemática: “Acho que uma mulher que possua um corpo ‘perfeito’, estilo *panicat*” (Participante 4). Esta resposta revela a influência que as mídias exercem sobre o desejo e a sexualidade dos homens. As *panicats* são as assistentes de palco do programa de auditório *Pânico na Band*, cujas modelos, atrizes e dançarinas se enquadravam em um estereótipo de corpo específico: magras, com seios fartos e quadris largos, coxas grossas e definidas; e durante o programa, elas exibiam seus corpos com vestimentas extremamente justas e curtas. Este é o mesmo modelo de corpo comercializado por várias revistas femininas e masculinas e programas de televisão como um corpo perfeito para se alcançar e desejar pelos *homens* e pelas *mulheres*, sendo este o mesmo corpo vendido massivamente pela indústria pornográfica: corpos masculinos e femininos hiper-realistas e hiper-perfomáticos (RIBEIRO, 2016). As mídias lançam promessas aos telespectadores, que consomem encantados com a mágica da exibição dos corpos os programas/materiais e seus ideais (RODRIGUES & CANIATO, 2009). Porém, apesar de serem corpos com os quais o(s) participante(s) manteria(m) uma relação sexual, as *panicats* não são consideradas por eles mulheres adequadas para um relacionamento afetivo duradouro, pois as elas representam a devassidão sexual.

As mídias também fragmentam a imagem corpórea e a manipula de acordo com os seus interesses socioeconômicos. Na publicidade, o corpo feminino perde sua unidade e as partes prevalecem: seios, cabelos, pele, olhos, cílios, coxas, unhas, nádegas e lábios parecem fazer parte de um quebra-cabeça no qual as peças não se encaixam, numa figura que nunca se forma (feminilidade ideal). Assim, as mídias e a pornografia oferecem aos homens partes de corpos femininos a serem desejadas (seios, pernas, cabelos) ao invés de corpos inteiros com subjetividades próprias (BENSUNSAN, 2004). Estas representações que esquartejam as mulheres ensinam os homens a não as perceberem como seres completos dotados de particularidades, mas sim como partes universalizadas porque consideradas ideais. Em suma, por exemplo, quando o Participante 4 afirma desejar o corpo perfeito da *panicat*, está desvinculando o corpo da mulher de sua subjetividade – ele deseja apenas o corpo-mercadoria e o corpo-fetichê.

Dentre os três participantes que afirmaram nunca ter usado mídia pornográfica para obter informações sobre sexo (Q4), mas apenas para finalidades de excitação sexual, dois deles comentaram: “Porque normalmente são feitos a partir de situações hipotéticas, fantasiosas” (Participante 8); e “Nunca com esse objetivo, apenas ‘recreação’” (Participante 3). Assim, não se pode ignorar que parcela dos consumidores da pornografia compreende que ela é uma encenação, uma performance coreografada (DÍAZ-BENÍTEZ, 2013) com finalidades específicas.



Já a segunda categoria de análise (*Pornografia e Subjetividade*) intencionou compreender as relações entre consumo de pornografia e as performatividades dos participantes nas suas relações sexuais. Por performatividade compreende-se que a

(hetero) sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação dos códigos (masculinos e femininos) socialmente investidos como naturais (PRECIADO, 2017, p.26).

Quando responderam à pergunta (Q23) do questionário “Como seria a relação sexual ideal para você?”, todos os participantes destacam a necessidade da satisfação sexual do casal, mas dentre eles, a resposta do Participante 6 se destaca: “Que dure bastante tempo, exige um esforço físico e tenha várias posições. E que junto ao orgasmo, tenha um cansaço físico”. Todavia, também foram fornecidas respostas que destacam outros elementos (que não o desempenho individual), tais como a valorização da espontaneidade (Participante 2), do “clima” (ambiente, música, iluminação) (Participante 3), quando o casal fica plenamente satisfeito (Participantes 5, 7, 8 e 11) ou que simplesmente envolva o amor (Participante 10).

O mesmo participante 6 deu a seguinte resposta para a pergunta do questionário “Você tenta imitar o desempenho dos atores pornô? Se sim, de que maneira?” (Q26): “A duração do sexo. Acredito que inconscientemente nós homens, tendemos a reproduzir o que vimos desde criança (às vezes nem tão inconsciente). Já me senti ‘menos homem’ quando meu desempenho foi fraco” (Participante 6). Curiosamente, todos os demais participantes responderam que não intencionam imitar tais desempenhos, o que não significa que não se importam com *seus próprios* desempenhos.

Veiga (2015), em seu trabalho sobre representações de gênero na pornografia, e Díaz-Benítez (2013), em sua pesquisa sobre o trabalho (de diretores, atores e editores) de filmagem de filmes pornográficos, partem do pressuposto de que a linguagem pornográfica das mídias *mainstream* não tem como objetivo elaborar narrativas sexuais reais, isto é, condizentes com as práticas sexuais dos consumidores deste material, mas sim enfatizar as consideradas idealizadas pelos espectadores, dando vazão às suas fantasias. Os filmes devem estabelecer um pacto narrativo com os consumidores, permitindo que eles se identifiquem com o material ao mesmo tempo em que acessem um sexo espetacular que contradiga o convencional. Neste sentido, as relações sexuais na pornografia *mainstream* têm que parecer real e fugir do lugar comum; por sua vez, os consumidores deste produto compreendem que as cenas estão sendo encenadas, mas as consideram reais (SAFATLE, 2008). Neste sentido, a pornografia materializa desejos, sexualidades e fantasias dos espectadores que as consomem,



o que justificaria a variedade e quantitativo exorbitante de vídeos nos *sites* (RIBEIRO, 2016).

O mercado pornográfico produz o que o espectador quer ver, uma vez que este deve se engajar com o material consumido. Para garantir que o espectador se projete nos vídeos, os filmes pornográficos, não raro, adotam uma estética amadora, com cortes e mudanças abruptas, dando a impressão de fragmentação que permite a fetichização dos atores e das relações sexuais. Além disso, no geral, a câmera adota a perspectiva do ator (homem), e as atrizes olham diretamente para a tela, interagindo com o espectador, que assume o lugar de destinatário e protagonista do gozo feminino (VEIGA, 2015).

O advento da internet permitiu que os sujeitos acessassem gratuitamente as mais variadas modalidades de produções pornográficas. No entanto, a expressão “se algo é de graça na internet [isso] significa que o produto é você” (RIBEIRO, 2016, p. 32) revela que, de alguma maneira, as pessoas que acessam esses sites estão respondendo aos propósitos comerciais e mercadológicos. Apesar da possibilidade dos vídeos serem assistidos gratuitamente, os sites apresentam uma gama de anúncios e mensagens (para o consumo) relacionados ao desempenho dos consumidores durante a relação sexual. Ribeiro (2016), ao realizar um levantamento dos produtos oferecidos nos sites pornográficos, catalogou as seguintes ofertas de objetos que prometem: o aumento peniano, o Viagra® natural, afrodisíacos diversos, o aumento do volume do esperma, a participação em salas de encontros privadas (pagas), os jogos simuladores de sexo, e as propagandas que direcionam para outros sites/produtos pornográficos. Estes produtos compõem um nicho de mercado relacionado à idealizada imagem corporal masculina e, principalmente, ao pênis e a *potentia gaudendi* e a *potentia coeundi*. A pornografia cria um incômodo nos homens para com seu próprio corpo ao construir um “(...) modelo masculino que supervaloriza o tamanho do pênis e provoca obsessão pelo desempenho sexual” (RIBEIRO, 2016, p. 45); isso pode supostamente ser remediado pela compra dos produtos vendidos nos sites.

Já em relação ao desempenho/performance das parceiras, foi perguntado aos participantes se eles “Espera(m) que suas parceiras tenham um desempenho semelhante ao das atrizes?” (Q27), e todos eles responderam negativamente, esperando apenas que elas sintam prazer e gostem das relações sexuais, exceto um dos participantes (Participante 10) que disse: “Não. Espero que elas sejam melhores”. Ao dar essa resposta, o participante revela o mínimo que espera de suas companheiras durante a relação sexual: que tenham um desempenho excelente; que ela execute uma variedade de posições; que todos os desejos do parceiro sejam atendidos com prazer; e que a parceira sinta igualmente satisfação, pois é isso o que as atrizes performatizam nas cenas.



Outro participante respondeu da seguinte maneira à mesma pergunta (Q27) do questionário: “Não, tem muita vulgaridade” (Participante 2). Isso está correlacionado com o fato de que nos vídeos pornográficos, as mulheres encenam e dizem em voz alta o *que* desejam e *como* desejam, e que isso, supostamente, encontra correlato com a realidade. Para isso, usam expressões performativas como ‘mete’, ‘soca’, ‘mais rápido’ para descreverem o que querem nas relações sexuais, desafiando padrões de inocência e pureza idealizados para a sexualidade feminina (VEIGA, 2015). Isto mostra que apesar das mudanças que o mundo ocidental contemporâneo tem vivenciado com relação à maneira como as mulheres agem e são percebidas nos últimos decênios, resultado da militância dos movimentos feministas, ainda existem expectativas por atitudes historicamente determinadas: a dupla moral sexual impera nestas produções pornográficas, pois exige homens agentes de uma supervirilidade e mulheres passivas na sexualidade, ou melhor, cujos desejos reinantes são os dos homens (COSTA, NOGUEIRA & SAAVEDRA, 2008).

Assim como os homens se apresentam como machos superviris, na pornografia as mulheres atuam como (super) fêmeas (super) sexualizadas: seus corpos, roupas e maquiagens reforçam e reproduzem ideais de feminilidade ao mesmo tempo em que transgridem as atitudes consideradas tradicionais (passividade e submissão) das mulheres. Enquanto os homens devem manter uma ereção por horas e penetrar vigorosa e violentamente as mulheres, elas devem suportar/sentir e fornecer ativamente prazeres nestas práticas (DÍAZ-BENÍTEZ, 2013; VEIGA, 2015). Nota-se que os desempenhos das atrizes pornográficas despertam sentimentos diferentes em cada um dos participantes, justamente por seu caráter ambíguo de transgressão e reiteração das normas/expectativas sexuais. A indústria pornográfica, portanto, propõe expectativas quanto ao desempenho das atrizes e das mulheres/parceiras com quem os consumidores estão mantendo suas relações sexuais, veiculando duas representações aparentemente contraditórias da mulher: a mulher violada e reificada e a mulher que gosta de sexo e que não aceita ser subjugada pelo companheiro de cama, mas que, por fim, sempre serve ao desejo masculino:

Desde seu início, a mulher é mostrada no universo pornô nestes dois registros analisados: submissa ao desejo masculino e ao mesmo tempo portadora de uma sexualidade voraz e insana. Como um instrumento para a satisfação, o corpo feminino apresenta-se disposto ao coito, pronto às práticas mais inacreditáveis que vistam, antes de tudo, a excitação do público masculino. Com já foi visto, o grande *mainstream* pornô heterossexual, seja *soft core*, *hard core* ou *bizarro* é feito para atender aos padrões do imaginário masculino (VEIGA, 2015, p. 24).

Marzochi (2003) argumenta que o propósito da pornografia é despertar o desejo sexual onde



não há necessidade ou onde ele não exista; ela torna o sexo rápido possível, sozinho ou acompanhado. No entanto, é planejado para deixar o consumidor relativamente insatisfeito, além de estar desvinculado da reprodução biológica (WILLIAMS, 2012). Além disso, as cenas apresentadas pela pornografia *mainstream* tampouco atendem aos interesses da maioria das mulheres. Em relação à pergunta do questionário “Você já usou pornografia para ficar excitado durante uma relação sexual?” (Q10), apenas três participantes responderam “Sim”. Destes, apenas dois afirmaram ter gostado e o fizeram a pedido da parceira: “Minha parceira tinha interesse em assistir comigo” (Participante 3) e “Fiz a pedido da minha parceira, mas para mim foi indiferente, mas ela se excitou ao me ver assistindo pornografia” (Participante 6). Para Ribeiro (2016), existem vários fatores que estão relacionados à falta de interesse das mulheres em consumir pornografia *mainstream*. Entre eles estão percepções (equivocadas, segundo elas) sobre as representações femininas e a sexualidade da mulher por parte das produções que centralizam a narrativa no prazer masculino, além da ênfase na violência e na submissão.

Neste sentido, com a finalidade de verificar se os participantes, e talvez suas parceiras, têm acesso à pornografia não-normativa e como reagem a ela, havia no questionário a seguinte pergunta: “Você já entrou em contato com pornografia em que mulheres estão fora do padrão de beleza (gordas, com modificações corporais, masculinizadas?)” (Q9). Quatro participantes responderam: “Sim, algumas vezes e gostei” (nenhum deles realizou comentários à resposta); quatro responderam: “Sim, algumas vezes e não gostei.” (nenhum deles realizou comentários à resposta); e três responderam “Nunca”, dentre os quais dois comentaram “Não faz meu tipo” (Participante 2) e “Tem gosto para tudo” (Participante 9).

O número reduzido de participantes que acessaram e disseram gostar deste tipo específico de material pornográfico (*altporn*) em conjunto com estes dois últimos comentários pejorativos frente aos corpos não-normativos, podem colocar em questionamento os argumentos dos movimentos pró-pornografia, de que ela estimularia o respeito e tolerância pela diversidade, além da expansão das formas de obtenção de prazer sexual. Mesmo com uma gama diversificada de filmes, a maioria dos participantes desta pesquisa respondeu preferir e procurar por corpos padronizados e tradicionalmente generificados, muitas vezes usando-os como referências para as próprias relações sexuais. Nogueira et al. (2010) afirmam que o melhor antídoto contra a pornografia dominante (heteronormativa) não é a proibição da produção, distribuição e consumo deste material, mas sim o incentivo à produção de materiais que escapam da perspectiva (hetero) normativa, apresentando representações alternativas de sexualidade (*altporn*). Uma pornografia, no caso, feita para e por mulheres por formular discursos que pretendem romper com as estruturas de opressão de gênero. Ao mesmo tempo, quando em relação



à pergunta do questionário “Você já entrou em contato com pornografia em que as mulheres sofrem violência física?” (Q7), dois participantes responderam “Sim, algumas vezes e gostei.” (Participantes 10 e 11); cinco deles responderam “Sim, algumas vezes e não gostei.” (Participantes 1, 2, 3, 6 e 9), e quatro responderam “Nunca” (Participantes 4, 5, 7 e 8). Dentre os que não acessaram ou acessaram, porém, não gostaram, é unânime a alegação do despropósito da humilhação da parceira com finalidades de excitação sexual (“Acho uma palhaçada” – Participante 2; “Vídeos masoquistas e que insinuam estupros não acho excitante e acho um tanto doentio” – Participante 6; “Não gosto de ver, achei constrangedor e humilhante” – Participante 9). Mas os participantes que gostaram, comentaram: “Achei da hora [*sic.*], porém ela [a parceira] tem que gostar também” (Participante 10) e “Algumas das posições e apetrechos são interessantes” (Participante 11). A resposta do participante 10 revela que ele não compreende a pornografia como uma situação na qual a relação sexual está sendo encenada diante das câmeras; segundo ele, provavelmente a atriz está gostando da relação sexual executada na cena devido à maneira como a performatiza.

Já em relação à pergunta do questionário “Você já entrou em contato com pornografia em que as mulheres sofrem violência psicológica?” (Q8) um dos participantes respondeu “Sim, frequentemente” (Participante 11); dois responderam “Sim, algumas vezes e gostei” (Participantes 6 e 10 – o participante 6 comentou que “na época não encarei como ofensa, pois acreditei que a mulher se excitava com os xingamentos”); cinco responderam “Sim, algumas vezes e não gostei.” (Participantes 2, 3, 7, 8 e 9); e três responderam “Nunca” (Participantes 1, 4 e 5). Um dos participantes destacou que “Raros são os vídeos que não tem xingamentos” (Participante 11).

Nota-se que a maioria dos participantes já entrou em contato algum tipo de pornografia que possuía violência de qualquer tipo contra a mulher. Considerando que o objetivo da pornografia é a obtenção de prazer por meio da atividade sexual representada, porém percebida como real, a existência de um número expressivo de filmes violentos mantém os estereótipos de gênero na mídia pornográfica. Lopes (2013) afirma que esta necessidade e prazer em humilhar e desvalorizar a mulher está relacionada ao processo de autoafirmação da identidade masculina heterossexual, que se constrói a partir da negação e rejeição do feminino. É por meio dessa pornografia violenta e falocêntrica que os homens aprendem a se relacionar afetiva e sexualmente com as mulheres (LOPES, 2013). Não à toa, o Brasil é um país extremamente desigual, misógino, homofóbico e transfóbico do ponto de vista das relações de gênero.

\* \* \*



Dos dados analisados nas categorias, pode-se depreender que a concepção foucaultiana de corpo (ao afirmar ser ele uma superfície de inscrição de acontecimentos, discursos e práticas interpenetradas pela história) é o resultado da articulação de discursos/saberes e práticas, tornando-o, portanto, passível à submissão das diversas modalidades de controle (SILVEIRA, 2009). Concebido como ser que constrói e é construído na relação com o outro, os sujeitos estão relacionados à sociedade da qual fazem parte, e o controle que esta exerce sobre sujeitos começa pelo corpo (RODRIGUES & CANIATO, 2009) por meio de redes de poder e saber que se refletem também na (na constituída e na que está em constituição) imagem corporal (FURTADO, GONÇALVES, MIRANDA & PASCUAL, 2011).

Há de se destacar que, segundo Butler (2015), apoiada em Foucault (2014), a modernidade na ocidentalidade instituiu um regime de normalização dos corpos que articulou numa linearidade (e supôs como normais) o sexo, gênero e orientação sexual heterossexual, ao que se denomina *heterossexualidade compulsória*, relegando à doença, vício ou desvio quaisquer rompimentos com estas pré-dicas, que são exaustivamente fiscalizadas pelas instituições e servem de imagens ideais para os sujeitos (homens ou mulheres). Esse regime de ordenação da sexualidade serve, dentre outros, aos propósitos do sistema de produção capitalista, haja vista que ao organizar a extração dos prazeres sexuais num regime (hetero) sexual específico, também organiza as vivências, por exemplo, no mundo do trabalho (FOUCAULT, 2014).

Assim, por ser peça de uma maquinaria historicamente constituída, os sentidos e as ações dos corpos estão atrelados ao capitalismo (SILVEIRA, 2009). Dessa forma, em nossa sociedade, os modelos de corpo heterossexualizados (ou melhor, *genderificados*) seguem os interesses do sistema capitalista e são usados para as finalidades da produção, circulação e consumo de bens e de mercadorias. Esse corpo dócil, passível de manipulação está a serviço do consumo e do lucro (BORIS & CESÍDIO, 2007). Sendo uma das expressões do corpo, a sexualidade não é algo pré-existente (no sentido de ser puramente biológico) aos sujeitos (WILLIANS, 2012), pois, na perspectiva foucaultiana, a sexualidade resulta de fatores e movimentos históricos específicos, apreendida em discursos normativos (BERT, 2013), sejam eles operacionalizados por intermédio de instrumentos reais (os aparelhos repressivos do Estado) ou simbólicos (os aparelhos ideológicos do Estado). O progresso tecnológico e científico responsável pela produção e disseminação de discursos e saberes, produz e direciona o ser humano, fabrica seus desejos e necessidades, e o corpo submetido à técnica é manipulável, operável, medido e programado para tornar-se eficaz de acordo com a lógica consumista e competitiva (BORIS & CESÍDIO, 2007; RODRIGUES & CANIATO, 2009).



Neste sentido, é pertinente dizer que o corpo é um corpo para a produção mercantil, e não um corpo para o prazer – no máximo, é um corpo produtor de prazer num regime de produção/consumo de mercadorias rentáveis a outrem. E disso a pornografia não escapa. O conceito de indústria cultural, cunhado por Adorno e Horkheimer, explicaria bem esse fenômeno, ressaltando o mecanismo pela qual a sociedade e as subjetividades (de homens e de mulheres) são construídas sob a égide do capital (COSTA, 2013). O progresso tecnológico atrelado ao capitalismo favoreceu o aperfeiçoamento dos meios de comunicação de massa como estratégias de dominação, o que aumentou o acesso aos materiais midiáticos. As mídias desenvolvem discursos que produzem *regimes de verdades* (de gênero e de sexualidade) para os corpos e para as subjetividades através de práticas que circulam pelo cotidiano (DE LAURETIS, 1994; FURTADO et al., 2011), veiculando realidades que refletem e produzem a sociedade (CIRINO & HOENISH, 2010).

Consumidas pela maioria da população que vive sob o sistema de produção capitalista, as mídias exercem influência no modo como os sujeitos se relacionam, interferindo na construção de mundo, da identidade e de (identidade de) gênero (BORIS & CESÍDIO, 2007). Ela também ocupa espaço significativo na produção e circulação de valores, modelos de corpos e comportamentos, concepções de mundo e ideologias (FURTADO et al., 2011). As mídias são, portanto, elementos fundamentais na construção da subjetividade dos indivíduos (DE LAURETIS, 1994). Fornecendo uma encarnação imaginária e idealizada do outro e de si próprio, as mídias disseminam modos de vivência considerados ideais, estabelecendo expectativas que fazem da identidade de gênero um artigo a ser consumido e, portanto, atingido (CIRINO & HOENISH, 2010). A elaboração da necessidade de consumo faz com que o consumidor queira obter o que lhe é apresentado pelas mídias, e o imaginário do sujeito é regido pela lógica do espetáculo e a vida calcada no marketing pessoal (BORIS & CESÍDIO, 2007; CIRINO & HOENISH, 2010).

Sendo a imagem corpórea também manipulada de acordo com os interesses socioeconômicos do sistema de produção capitalista, o corpo, fragmentado e reduzido, passa a ter valor como mercadoria a ser consumida de acordo com padrões estéticos específicos. As mídias lançam promessas aos telespectadores que as consomem encantados com a mágica da exibição de corpos (RODRIGUES & CANIATO, 2009). Neste processo, a sexualidade também é transformada em valor de mercado, uma vez que os objetos *normalizados* para o desejo e desempenho sexual são passíveis



de serem comprados<sup>4</sup> (BORIS & CESÍDIO, 2007). O corpo ideal e o gênero ajustado assumem status de *fetiches* da mercadoria (RODRIGUES & CANIATO, 2009).

Neste contexto, a pornografia midiática deve ser compreendida como uma das tecnologias de gênero ou das tecnologias sexuais que instituem, representam e significam o gênero, o sexo e o corpo ideais/normais para homens e mulheres (DE LAURETIS, 1994; RIBEIRO, 2016). Isto quer dizer que ao mesmo tempo em que a pornografia reproduz uma realidade social, ela também é resultado de uma proposição, de uma pré-existência, de um imaginário de práticas sexuais fantásticas e imaginárias que deve ser consumido pelos espectadores, revelando uma íntima relação entre o desejo do espectador e o que é produzido pelo mercado pornográfico (VEIGA, 2015).

#### 4. Considerações Finais

Por meio da atual Base Nacional Comum Curricular e dos Novos Parâmetros Curriculares Nacionais que entrarão em vigor em 2019, o Ministério da Educação e da Cultura incluiu a educação e a orientação sexual entre os temas transversais que *podem* ser trabalhados nas escolas – um retrocesso, haja vista que em edições anteriores, estes temas eram obrigatórios de serem tratados. Disso resulta a perda de mais um espaço coletivo (as escolas, públicas ou privadas) que poderia estimular os debates acerca da heteronormatividade compulsória e dos tradicionalismos de gênero.

É muito importante destacar que problematizar questões de gênero na nossa sociedade não significa, *pari passu*, acabar com as famílias e mesmo com os gêneros instituídos (como as categorias homens e mulheres), mas sim permitir a convivência com as multiplicidades e dissonâncias dos gêneros tradicionalmente estabelecidos. Esse movimento de retraimento do espaço público para discussões pertinentes aos direitos sociais, somadas às recentes proposições ao combate à Ideologia de Gênero (o que quer que isso signifique) e da Escola sem Partido (numa evidente *politização reativa* promovida por setores conservadores da sociedade) significa a diminuição de espaços coletivos para discussão e vivência da sexualidade (MIGUEL, 2016; MISKOLCI & CAMPANA, 2017; VIGOYA, 2017), além da perda de direitos implementados a duras penas. Contudo, isso não significa que os sujeitos deixaram ou deixarão de procurar por informações sobre a sexualidade, mas sim que

---

<sup>4</sup> Há de se considerar que não apenas imagens idealizadas e normalizadas (de corpo, de gênero, de performances sexuais) são produzidas, distribuídas e consumidas; desejos e ações considerados inapropriados na ocidentalidade (violências, incestos, excentricidades, crueldades e humilhações etc.) também são mobilizados e encontram seus nichos de mercado, conforme Díaz-Benítez (2015).



recorrerão a *outros* espaços, lugares e produtores para balizarem suas constituições subjetivas e relações de poder concernentes à sexualidade – e a pornografia midiática disponível na internet *já é* um destes lugares.

Além dos educadores e profissionais da educação, que não recebem formação e capacitação adequada para discutir sexualidade com crianças e jovens, os pais e familiares ainda apresentam dificuldades e resistências em abordar esta temática. Além disso, no geral, a escola trata com hostilidade manifestações que se referem à sexualidade dos jovens, o que não contribui para o conhecimento e vivência sadia da sexualidade juvenil. Não contemplados pelas informações fornecidas pelas instituições de ensino, as escolares e familiares, os jovens buscam alternativas para aprender e conhecer a própria sexualidade; e uma destas vias, reitera-se, é a pornografia.

No entanto, estas mídias não têm finalidade pedagógica, em suas apresentações, estruturas e intencionalidades, mas sim pretendem acionar a fantasia dos consumidores – assim, longe de serem instrumentos formativos para a liberdade e exercício da sexualidade, elas são elementos de compra, descarte e (re) produção de desigualdades. Além disso, da maneira como é produzida, a pornografia *mainstream* reproduz estereótipos e tradicionalismos de gênero e ideais de performances e corpos que, por não serem alcançáveis, geram sujeitos insatisfeitos consigo mesmo e com suas parcerias, além de reforçarem a dominação masculina e a submissão feminina, num sistema de sexo/política de dominação explícita.

Esta pesquisa reforça a problemática concernente ao uso pedagógico da pornografia *mainstream*, material violento e centrado no prazer masculino, pois as mídias reproduzem e produzem desejos e formas de ser que podem ser nocivos tanto para os consumidores de pornografia quanto para suas parceiras, além de o serem para todos os envolvidos na cadeia de produção da pornografia, principalmente as atrizes. Ao considerar a performatividade dos atores como ideais, muitos homens sentem-se frustrados quando não conseguem alcançá-la e/ou esperam que suas companheiras atuem como as atrizes, o que pode gerar insatisfações adicionais para ambos. Além disso, usar como modelo para as relações sexuais um material de caráter falocêntrico como a pornografia *mainstream*, pode significar o abandono e o desconhecimento do prazer da mulher e dos sujeitos/gêneros heterodissidentes.

Desta forma, esta pesquisa pretendeu contribuir no sentido de produzir reflexões acerca de que maneira o consumo de pornografia está relacionado às formas como homens heterossexuais, brancos e universitários se relacionam com as mulheres. Ademais, há a necessidade de se repensar a



regulamentação da produção, distribuição e acesso/consumo de material pornográfico e o acesso a este material visando o bem-estar e a qualidade de vida dos sujeitos. Para tanto, é de extrema importância que novas pesquisas sejam feitas investigando, por exemplo, as companheiras dos homens consumidores de pornografia, as mulheres que consomem pornografia e as atrizes (e atores) dos materiais e vídeos pornográficos, possibilitando uma compreensão mais ampla de como a produção e consumo de pornografia incide sobre a subjetividade e a satisfação com a/o parceira/parceiro e consigo própria/próprio.

---

## Referências

- ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Antropológico*, v. 95, p.161-189, 1996
- ANDRADE, Fernando César de, DIAS, Mardonio Rique & GUERRA, Valeschka Martins. Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. *Estudos de Psicologia*, v.9, n.2, p.269-277, 2004.
- BESUNSAN, Hilan. Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado. *Estudos Feministas*, v.12, n.1, p.131-155, 2004.
- BESUNSAN, Hilan. Observações sobre a política dos desejos: tentando pensar ao largo do patriarcado dos instintos compulsórios. *Estudos Feministas*, v.14, n.2, p. 445-479, 2006.
- BERT, Jean-François. *Pensar com Michel Foucault*. São Paulo: Parábola, 2013.
- BORIS, Georges Daniel Bloc & CESÍDIO, Mirella de Holanda. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v.7, n.2, p. 451-478, 2007.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CIRINO, Carlos da Silva & HOENISH, Júlio César Diniz. Mídia e o espelho da masculinidade? *Estudos de Psicanálise*, v.33, p.61-74, 2010.
- COSTA, Cecília, NOGUEIRA, Conceição & SAAVEDRA, Luisa. (In)Visibilidade do gênero na sexualidade juvenil: propostas para uma nova concepção sobre a educação sexual e a prevenção de comportamentos sexuais de risco. *Pro-Posições*, v.2, n.56, p.59-79, 2008.
- COSTA, Jean Henrique. A atualidade da discussão sobre indústria cultural em Theodor W. Adorno. *Trans/Form/Ação*, v.36, n.2, p.135-154, 2013.
- D'ABREU, Lylla Cysne Frota. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. *Psicologia & Sociedade*, v.25, n.3, p.592-601, 2013.
- DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.206-242.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. El quehacer pornô en la construcción de imágenes de espectacularidad. *Mem. Soc. (Bogotá/Colombia)*, v.17, n.34, p.92-109, 2013.
- DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. O espetáculo da humilhação, *fissuras* e limites da sexualidade. *Mana*, v.21, n.1, p.65-90, 2015.



- FARIA, Felipe Lopes de. *Pay-per-porn: o mercado pornográfico audiovisual contemporâneo no Brasil*. 2012. 65 fls. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade – Volume I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FURTADO, Luísa Hescher, GONÇALVES, Shirley Dias, MIRANDA, Lúcia Lobo & PASCUAL, Jesus Garcia. Subjetivação, discursos científicos e midiáticos: revisitando estudos foucaultianos sobre corpos. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.23, n.1, p.155-170, 2011.
- GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. *Cadernos Pagu*, n.20, p. 87-120, 2003.
- GREGORI, Maria Filomena. Erotismo, mercado e gênero: uma etnografia dos sex shops de São Paulo. *Cadernos Pagu*, n.38, p.53-97, 2012.
- LEAL, Marta Miranda & SAITO, Maria Ignez. Educação sexual na escola. *Revista de Pediatria*, v.22, n.1, p.44-48, 2000.
- LEITE, Jorge Leite. Labirintos conceituais científicos, nativos e mercadológicos: pornografia com pessoas que transitam entre os gêneros. *Cadernos Pagu*, v.38, p.99-128, 2012.
- LOPES, Ana Sofia Semedo Pereira. *Consumo de pornografia na internet, avaliação das atitudes face à sexualidade e crenças sobre a violência sexual*. 2013. 125 fls. Tese (Mestrado em Psicologia). Universidade Autônoma de Lisboa, Lisboa, 2013.
- MARZOCHI, Marcelo de Luca. Pornografia na internet. *Revista de Ciências Humanas*, v.9, n.2, p.115-124, 2003.
- MIGUEL, Luís Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: Escola sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. *Direito & Práxis*, v.7, n.15, p.590-621, 2016.
- MISKOLCI, Richard & CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para uma genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado*, v.32, n.3, p.725-747, 2017.
- NOGUEIRA, Maria da Conceição, OLIVEIRA, João Manuel de& Pinto, Pedro. Debates feministas sobre pornografia heteronormativa: estéticas e ideologias da sexualização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.23, n.2, p.374-383, 2010.
- PAUL, Pamela. *Pornoficados: como a pornografia está transformando a nossa vida, os nossos relacionamentos e as nossas famílias*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- PARREIRAS, Carolina. Altporn, corpos, categorias e cliques: notas etnográficas sobre pornografia online. *Cadernos Pagu*, v.38, p.197-222, 2012.
- PINHEIRO, Lucas Pascual. *Coito interrompido: transformações na indústria de filmes pornográficos*. 2013. 83 fls. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade de Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.
- PINHO, Osmundo. Racefucker: representações raciais na pornografia gay. *Cadernos Pagu*, v.38, p.159-195, 2012.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas da identidade sexual*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- RIBEIRO, Túlio Felipe Villafañe. *Filmes pornográficos amadores: representações e performances*. 2016. 108 fls. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- RODRIGUES, Alexandra Arnold & CANIATO, Ângela Maria Pires. “Corpo-mercadoria”, sob controle e punição: prenúncios de uma subjetividade aniquilada? *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, v.9, n.2, p.647-687, 2009.
- SAFATLE, Vladimir. Por uma crítica da economia libidinal IN: SAFATLE, Vladimir. *Cinismo e a falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008, p.1113-146.
- SILVA, Júlio César Casarin Barroso. Liberdade de expressão, pornografia e igualdade de gênero. *Estudos Feministas*, v.21, n.1, p. 143-165, 2013.



SILVEIRA, Fernando de Almeida (2009). Corpos sonhados-vividos: a dimensão onírica do poder em Michel Foucault e sua relação com a psicologia. *Psicologia USP*, v.20, n.1, p.31-46, 2009.

TURATO, Egberto Ribeiro. *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VEIGA, Maria Júlia Alencastro. *Etnografia do Pornhub: uma análise sobre representações de gênero na pornografia*. 2015. 75 fls. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

VIGOYA, Mara Viveros. Presentación Dossier: Hacer y de hacerla ideología de género. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n.27, p.118-127, 2017.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Revista Temáticas*, v.22, n.44, p.203-220, 2014.

WILLIAMS, Linda. Screening Sex: revelando e dissimulando o sexo. *Cadernos Pagu*, v.38, p. 13-51, 2012.

WEISZFLOG, Walter. (2009). *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: de <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em 08 de nov de 2017.

